



**Pistas para a Arqueologia de Sergipe Colonial**

N.H. Bl. H., Karsten. (1733-1815). Description de Arabie... Utrecht: Chez J. Van Schoonhoven, 1774. Apud: *Catálogo de Obras Raras ou Valtosas da Biblioteca Pública do Estado*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 48-49

**Francisco José Alves\***

Desde as décadas finais do século passado que a fase colonial e imperial do Brasil vêm sendo investigadas com o concurso das escavações arqueológicas. A arqueologia dessas épocas históricas do país traz substanciais inovações, pois, faz vir à tona vestígios da cultura material do passado. A pesquisa histórica livra-se do exclusivismo do documento escrito e o passado ressurgiu a partir dos indícios concretos produzidos na dimensão do cotidiano ou nos eventos extraordinários. Exemplo disto são as pesquisas efetuadas em cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. No âmbito do extraordinário, temos as escavações em sítios da Guerra da “Restauração” Nordestina (1630-1654) ou da Guerra de Canudos (1897).

Em Sergipe, até onde sei, nada foi feito no campo da arqueologia histórica. O estudo dos séculos passados ainda não sofreu o impacto dos vestígios vindo à luz por meio das escavações arqueológicas. É uma lacuna a ser preenchida. Vejamos alguns pontos da história de Sergipe que podem ser elucidados com a contribuição da arqueologia.

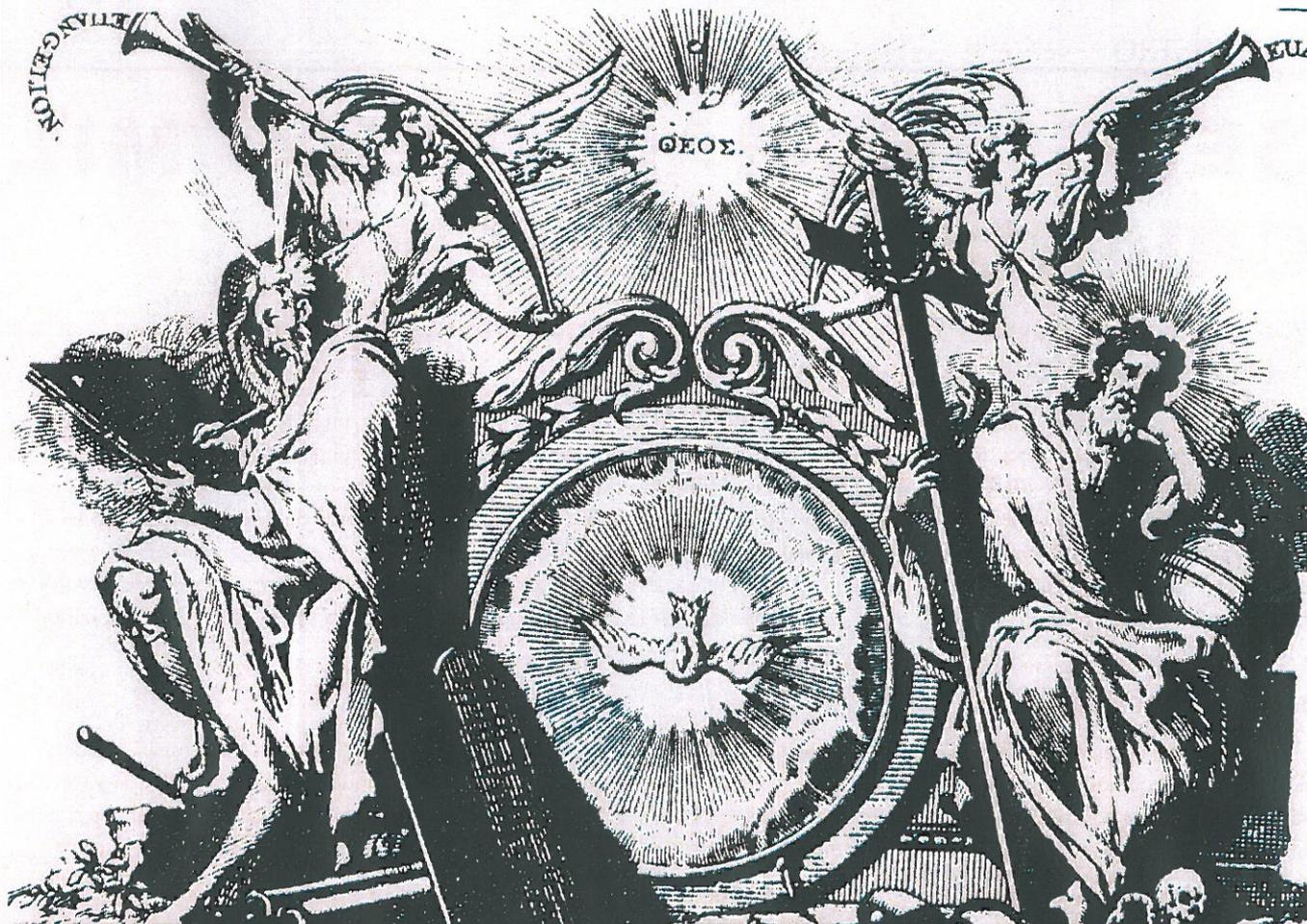
A primeira São Cristóvão (1590-1596), conforme alguns documentos, foi fundada por Cristóvão de Barros num istmo à barra dos rios Poxim e Sergipe. O fundador teria erigido em tal sítio um “forte” e um “arraial”. Em 1891 já não existia o tal istmo<sup>1</sup>. Conforme Felisbello Freire, a São Cristóvão inicial durou somente seis anos. Ainda restariam vestígios arqueológicos deste arraial e do forte? Outra fonte do século dezenove diz que Cristóvão de Barros “fundou uma villa na foz do Rio Cotindiba” [Cotinguiba]<sup>2</sup>

O segundo sítio de São Cristóvão (1596-1637) foi “num oiteiro” na “barra do Rio Poxim”. Em fins do século dezenove, conforme Felisbello Freire, ainda havia vestígios desta cidade<sup>3</sup>. A terceira e atual São Cristóvão está localizada “a beira do ribeiro Paramopâma, perto do rio Sergipe, a cinco legoas em direitura do mar”<sup>4</sup>.

Outro exemplo a pedir esclarecimento arqueológico é o convento jesuíta em São Cristóvão. Este, segundo o já citado F. Freire, localizava-se “junto a São Cristóvão atual”. Em 1891 já estava em ruínas<sup>5</sup>. De fato em 10 de março de 1601, os jesuítas solicitam ao capitão-mor de Sergipe sesmária junto a “serra

de Cayaiba na Tapera, chamada Pixapoam a oito léguas de São Cristóvão”. Diogo de Quadros lhes doa terras pelas fraldas das [seras?] da Itanhana e Cajaíba pelo Vale direito do rio Vazabarris. Os jesuítas diziam estar em Sergipe desde 1596. Recebem sesmária de “tres léguas em quadro”<sup>6</sup> Outro exemplo é o forte holandês de São Cristóvão. A existência desta construção militar é testemunhada, dentre outros, pelo Frei Manuel Calado (1584-1654). Conforme ele, os holandeses “... edificaram (...) uma fortaleza na cidade de São Cristóvão”<sup>7</sup>.

Segundo o mesmo cronista, no início da insurreição dos portugueses contra os holandeses estava Dom Antônio Felipe Camarão “alojado em Sergipe Del Rei com todos os seus brasileiros”. Isto em 1644.<sup>8</sup> Noutro passo, o Frei Manuel Calado diz que Camarão “veio morar a Sirigipe Del Rei, capitania que estava despovoada de seus moradores, e aonde depois das tréguas publicadas edificaram à falsa fé dos holandeses uma fortaleza na cidade de São Cristóvão; e o Camarão (...) se veio com toda sua gente, e fez seu alojamento em Sergipe Del Rei bem perto da fortaleza do inimigo; ...”<sup>9</sup> Um cronista



ROYAMOUNT, Sieur de. [pseudônimo de Nicolau Fontaine] (1625-1709). L'Historie de Vieux et du Nouveau Testament... Paris: Chez Pierre Le Petit, 1712. Apud: Catálogo de Obras ou Valiosas da Biblioteca Pública do Estado. Porto Alegre: Globo, 1972, p.

holandês também documenta este forte flamengo em São Cristóvão. O *Diário ou narração histórica* (1651) do combatente holandês Matheus van den Broeck registra em 18 de agosto de 1645 que o “fortim de Sergipe de el Rei” comandado pelo tenente Hans Vogels rendeu-se cercado pelo capitão português D. João de Souza.<sup>10</sup> É razoável supor que nos arredores do fortim de São Cristóvão habitassem, além de soldados, holandeses civis voltados para atividades agrícolas e de pesca. Tal como ocorreu no forte Maurício (Penedo-AL). Em suas redondezas havia, conforme um testemunho ocular, “lavradores de roça, pescadores e feitores de currais”.<sup>11</sup> A condição de praça de Guerra do Penedo não afastava do local neerlandeses voltados para atividades não bélicas. Quadro similar deve ter ocorrido em São Cristóvão, sede administrativa do Cirigipe Del Rei. Qual a localização precisa deste forte holandês na velha São Cristóvão? Somente a arqueologia histórica poderá responder.

Por fim, há o registro de um forte luso brasileiro na região do sertão do São Francisco. No início do século passado (1916) o historiador Francisco Carvalho Lima Júnior em excursão ao atual município de Canindé-SE revela ter se deparado com ruínas de um forte português construído à “margem esquerda” do Rio Xingo, na “confluência da estrada real com o rio”, em uma pequena colina.

Conforme Lima Júnior, a tradição oral da região dizia que tais ruínas eram de uma “igreja dos flamengos” ou ainda “uma igreja dos padres da companhia” [de Jesus].<sup>12</sup>

Vestígios de fortificações erigidas pelos luso-brasileiros não são, obviamente, exclusivas do território sergipano. No desenrolar da Guerra da “Restauração” os atuais estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia foram palco de escaramuças entre lusitanos e neerlandeses. Na vizinha Bahia, no município do Conde, havia ainda no segundo decênio do século vinte “muitos vestígios de fortificações”. Isto é o que informa o abalizado historiador baiano Francisco Borges de Barros descrevendo os diversos municípios da pátria natal de Rui Barbosa.<sup>13</sup> Eis aí algumas pistas úteis para futuras investigações no terreno virgem da arqueologia histórica em Sergipe.

Assim, o Museu do Homem Sergipano e o mestrado em Arqueologia, ambos da UFS, têm às mãos uma tarefa de grande significação cultural (historiográfica e turística). A sociedade sergipana espera. ■

\* *Doutor em História Social pela UFRJ, Mestre em Antropologia pela UNB e Professor Efetivo do Departamento de História e do Mestrado em Sociologia da UFS.*  
E-mail: [fjalves@infonet.com.br](mailto:fjalves@infonet.com.br)

## Notas

- 1 - FREIRE, F. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 83 e 84.
- 2 - SAINT ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Dicionário do Império do Brasil*. Paris: Aillaud, 1845.
- 3 - FREIRE, F. *História de Sergipe*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 89., nº 20.
- 4 - SAINT ADOLPHE, J. C. R. M. *Dicionário do Império do Brasil*. Paris: Aillaud, 1845.
- 5 - FREIRE, F. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 94., n. 32..
- 6 - Ver “Carta dos padres da Companhia de Jesus”. In: FREIRE, F. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 357.
- 7 - CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987, 2v., v. 1, p. 235-6. 1ª ed. 1648.
- 8 - CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987, 2v., v. 1, p. 235-6. 1ª ed. 1648.
- 9 - CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987, 2v., v. 1, p. 237. 1ª ed. 1648.
- 10 - BROECK, Matheus van den. “Diário ou narração histórica”. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, t. 40, parte 1ª, p.5-65, 1877, p. 45.
- 11 - BROECK, Matheus van den. *Diário ou narração histórica*. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, t. 40, parte 1ª, p. 65, 1877, p. 17.
- 12 - LIMA JÚNIOR, Francisco de Carvalho. *História dos limites entre Sergipe e Bahia*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1911, p. 512-3.
- 13 - BARROS, Francisco Borges de. *Dicionário Geográfico e Histórico da Bahia*. Bahia [Salvador]: Imprensa Oficial do Estado, 1923, p. 197.